



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Secretaria Geral Parlamentar
Secretaria de Documentação
Equipe de Documentação do Legislativo

JUSTIFICATIVA - PDL 0105/2016

A presente proposição tem como objetivo homenagear o Sr. Seiji Isobe, com o Título de Cidadão Paulistano.

Aos 15 anos de idade Seiji começou a praticar Karate e aos 21 anos desistiu da carreira de engenheiro agrônomo para ser instrutor na matriz Kyokushin-kai, em Tóquio (Japão).

A convivência com os veteranos na academia durou dois anos e meio e, nesse ínterim, graduou-se 2º grau na faixa preta. Lutou em vários países como China, Austrália e Estados Unidos, mas decidiu fixar residência.

Em 10 de outubro de 1972, Sensei Isobe, chega enfim ao Brasil, em Viracopos Campinas, sem saber ao certo onde estava e sem falar ou entender uma palavra em português. Seguiu os demais passageiros até chegar ao portão de desembarque, quando ouviu dizerem "OSSU".

E para narrar sobre a sua trajetória de vida, nada melhor que as palavras do mestre:

"Só então senti que estava no aeroporto de Viracopos de verdade, e me veio a lógica de que São Paulo era um lugar amplo e repleto de oportunidades.

Minha maior surpresa aconteceu chegar ao centro de São Paulo e me deparar com altos prédios aglomerados e uma infinita quantidade de carros correndo para todos os lados.

Pela primeira vez em minha vida, fiquei inseguro. Estava fadado a ficar num país desconhecido, cujo idioma não sabia nem uma palavra.

Porém, com o tempo, passei a conhecer os costumes do Brasil, e os próprios alunos da academia me ensinaram o idioma português.

Hoje, posso dizer que meu maior aprendizado foi o de gostar deste país que é vinte e cinco vezes maior que minha terra natal, o Japão.

Descobri que, no Brasil, a lei é o calor humano. Aqui, reina o homem, enquanto que, no Japão, o homem concorre com o tempo e com as máquinas. Aos poucos, percebi que o povo daqui jamais seguiria os princípios japoneses, o que me fez tomar a primeira grande decisão: ficaria no Brasil de três a quatro anos e, depois, retornaria a meu país de origem.

Passados seis meses, coloquei-me em xeque novamente. Lembrei as palavras do mestre Mas. Oyama:

"O que você vai fazer voltando a um país tão pequeno e apertado se aí, no Brasil que é 25 vezes maior, é certo que terei mais chances. Gostaria que você ampliasse os princípios do Kyokushin na América do Sul e que se servisse de base para a introdução desta atividade...".

Comecei a pensar também nas palavras meus alunos:

"Já estávamos acostumados com seus métodos. Se ficar apenas quatro anos conosco e, depois, retornar ao Japão, nos encaminharão um outro e nós nunca saberemos em quem confiar ou de quem seguir os passos...".

Resolvi, então, fazer uma aposta comigo mesmo. Veria até onde conseguiria chegar e o que conseguiria fazer para que o Kyokushin se tornasse conhecido por todos.

Em agosto de 1973, meu objetivo estava traçado.

A partir de então, passei a me dedicar intensamente à descoberta de meios para aprimorar o ensino do Kyokushin e fazer com que os adeptos confiassem em mim e seguissem meus passos. Queria fazer nascer, na América do Sul, atletas de nível, capazes de enfrentar adversários de diversos países.

Após anos de árduos treinos e de convivência com vários alunos, surgiram muitos e esplêndidos praticantes, mas ninguém conseguiu superar ou mesmo se igualar ao nível técnico de dois atletas: Francisco Filho e Glaube Feitosa.

Desde o início, ambos cresceram como grandes atletas, disputando as primeiras posições com caratecas de nível internacional. Em 1999, Francisco Filho sagrou-se campeão mundial, concretizando, assim, um de meus objetivos quando vim ao Brasil.

Filho e Feitosa deixaram um caminho a ser trilhado por outros brasileiros, como Ewerton Teixeira, por exemplo, franco favorito a vencer o mundial de 2007.

Mas, para fazer com que os competidores brasileiros atingissem esse nível, e se tornassem atletas renomados e de grande respeito, além de meu empenho, foi fundamental o apoio do coronel Reizo Nishi. Não poderia deixar de citar, ainda, o amigo de mais de trinta anos, capitão Mário Ueti.

Agradeço, também, à família Okamoto pelos conselhos e, principalmente à família que constituiu aqui no Brasil, que soube me compreender sem contradizer minhas reclamações.

Devo ressaltar o amparo recebido por parte de todos os superintendentes desta modalidade, instrutores e alunos que participam ou um dia participaram da família Kyokushin."

Sendo justa a homenagem, solicito a colaboração dos Vereadores desta Casa para aprovação deste relevante Projeto de Lei.

Publicado no Diário Oficial da Cidade em 26/08/2016, p. 110

Para informações sobre o projeto referente a este documento, visite o site www.camara.sp.gov.br.